



ANÁLISE ESPACIAL DAS ARMAÇÕES CATARINENSES E SUAS ESTRUTURAS REMANESCENTES: UM ESTUDO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

*FABIANA COMERLATO**

Introdução

O objeto de estudo desta pesquisa¹ foram as armações de Santa Catarina, localizadas em enseadas e ilhas próximas ao continente. As armações eram núcleos populacionais, ativos no Brasil Meridional nos séculos XVIII e XIX, voltados para a pesca da baleia e o beneficiamento das partes economicamente interessantes deste cetáceo. As armações eram, sobretudo, espaços de vivências dos trabalhadores do mar e da terra.

Os sítios contemplados neste estudo, em ordem cronológica de fundação, são: Armação Grande ou de Nossa Senhora da Piedade (1746), Armação de Sant'Ana de Lagoinha ou das Lagoinhas (1772), Armação de São João Batista de Itapocoróia (1778), Armação de São Joaquim de Garopaba (1793), Armação de Imbituba (1796), Armação da Ilha da Graça ou Ilha da Paz (1807), Armação da Ilha de Porto Belo ou Ilha João da Cunha (1826) e Armação de Ganchos (1864).

Satisfazendo o nosso interesse por novos olhares, em uma perspectiva informativa e analítica, surge o estudo arqueológico das armações catarinenses, através da arqueologia histórica.

* Historiadora e Mestre em Arqueologia pela PUCRS. Professora Colaboradora do Curso de História da UDESC.

¹ Esta pesquisa resultou em uma dissertação de mestrado defendida no ano de 1998 na Pós-Graduação da História - PUCRS.



No intuito de suprir a ausência de uma pesquisa arqueológica, o objetivo primordial deste estudo foi identificar as armações da pesca da baleia na paisagem litorânea catarinense, enquanto sítios arqueológicos – proporcionando informações referentes aos seus aspectos sociais, espaciais e ambientais – , mais precisamente analisar a distribuição espacial das atividades humanas e o seu contexto material. A opção de trabalhar com um conjunto tipológico de sítios, possibilitou observar a diversidade e as similitudes existentes entre os mesmos, dentro de um contexto econômico e social da região litorânea.

O estudo realizado propõem-se a ao questionamento das seguintes problemáticas:

- a) as armações não foram apenas espaços construídos para o beneficiamento do óleo de baleia, também eram espaços de vivências/sociabilidades, de outras atividades econômicas, sociais e religiosas, elevando-se à espaço social;
- b) as armações possuíam um padrão, uma normatização nas edificações e suas técnicas construtivas. As armações caracterizavam-se por uma organização, uma mesma “ordem” na distribuição espacial das estruturas;
- c) a disponibilidade dos recursos naturais (cetáceos e lenha) influenciaram diretamente a sazonalidade e produtividade das atividades nas armações. O meio natural forneceu um conjunto de possibilidades ambientais, selecionado de acordo com as necessidades da comunidade baleeira. As relações entre o homem e os seus recursos foram elementos no cotidiano baleeiro que permearam o espaço social.



Em nosso estudo, consideramos fundamentais dois conceitos-chave: a paisagem e o espaço. Da observação de tantos significados para estes conceitos, ficou claro a dificuldade e incessante discussão epistemológica no intuito de defini-los e situá-los dentro do “universo” de pesquisa de cada cientista. Entretanto, nos posicionamos conceituando a paisagem como o somatório dos objetos ou elementos naturais e dos modificados ou construídos pela sociedade. Reforçando esta opção, Derruau² caracteriza a paisagem como a combinação de traços físicos e traços humanos, alguns destes herdados do passado.

O espaço está dentro de uma paisagem e pode ser estudado como categoria autônoma ou como um elemento da paisagem, permitindo sua fragmentação em partes de acordo com o caso em estudo. Ambas categorias permitem ser analisadas mútua e conjuntamente, de forma integrada.

Desse modo, podemos dizer que as armações estavam inseridas em uma paisagem que pode ser observada em seus elementos naturais e sociais (como o espaço, resultado de práticas sociais pretéritas). Compõem a paisagem de uma armação, os espaços: marítimo, produtivo mercantil e de subsistência. Cada espaço é composto por estruturas e artefatos modificados social, cultural e ideologicamente e por elementos naturais (transformados ou não pela ação humana).

O espaço não é um produto terminado e nem congelado para sempre, mas um de seus elementos é fixo - as formas espaciais (as estruturas edificadas). E são nos objetos ou formas espaciais que a arqueologia procura basear-se para compreender o espaço total.

² DERRUAU, Max. **Geografia Humana II**. 3^a ed. Lisboa: Presença, 1982. p. 286.



entender de Diegues sempre oscilante e imprevisível³. Pela atividade da pesca da baleia ter sido marcada por uma sazonalidade, a relação com a pesca não foi constante, combinando-se as atividades da agricultura. A pesca dependeu de uma série de condicionantes e resultou em um número de práticas sociais, perpassando também as práticas religiosas que asseguraram e trouxeram conforto espiritual aos pescadores-baleeiros.

As relações do homem baleeiro catarinense com o mar e o seu recurso mais importante - a baleia - foram marcadas por um controle parcial das atividades e por uma sazonalidade definida pela migração nos meses de inverno das baleias ao litoral catarinense. As baleias por estarem em meio a um ambiente visto como obscuro e perigoso, ultrapassaram a concepção de serem somente um recurso, também passando a ser elementos partícipes do imaginário dessas comunidades litorâneas “mergulhadas” em uma religiosidade imprescindível.

Os outros espaços formadores de uma armação eram terrestres - o espaço de produção máxima, voltada para o abastecimento do mercado da Colônia e da Metrópole; e o espaço de produção de produtos para subsistência do processo produtivo e da população de trabalhadores, provido de recursos (água potável e reservas de matas), de lavouras e engenhos.

O espaço produtivo mercantil, onde estão todas as formas espaciais destinadas a produção, beneficiamento e comercialização dos derivados da baleia; as estruturas de socorro espiritual e corporal; as oficinas e armazéns e

³ DIEGUES, Antônio C. S. Povos e Mares: Uma Retrospectiva de Sócio-Antropologia Marítima. In: **Povos e Mares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995. p. 20.

Casa dos Tanques: Era uma edificação retangular que comportava os tanques. As maiores armações comportavam de duas a três casas de tanques. Os tanques tinham aproximadamente entre 3 e 4 metros de profundidade e capacidade de até 647 m³. Eram escavados no solo e revestidos de pedra argamassada ou ladrilhados. O óleo de baleia ficava depositado nos tanques a espera de embarilhamento. Outros tanques anexos, eram os de salga e o de lavar barbatanas. O tanque da salga destinava-se à conservação do toucinho e da carne da baleia. O tanque de lavar barbatanas era uma circunferência de pedra argamassada, onde era feito a limpeza das mesmas.

Armazém, depósito, telheiro, sótão e ditta: Estas edificações, voltadas ao mar, eram fundamentais para o acondicionamento de gêneros e de produtos destinados ao comércio (óleo, bôrra e barbatanas). Existiram: armazéns das lanchas, armazéns de barbatanas, armazéns da tanoaria, depósitos de pipas e barris, depósito das amarras ou *ditta* dos cabos, armazém de *guardar o trem*, armazém do paiol.

Carioca: As cariocas eram fontes de água cobertas, feitas de pedras, ladrilhos e de tijolos, onde se armazenava a água.

Ferraria: A ferraria era uma oficina de fundição construída de pedra e cal. O mestre ferreiro e seus aprendizes faziam e reparavam instrumentos de cobre e ferro para as atividades de arpoamento, rebocamento e corte das baleias e produção do óleo. O ferro destinado a fabricação dos equipamentos era importado de Biscaia e da Suécia por intermédio de Portugal.



Tanoaria: A tanoaria era uma oficina que fabricava pipas, barris, selhas, funis de pau, tinas e outras vasilhas. As pipas e barris serviam para armazenar o óleo de baleia e a bôrra. As tinas eram utilizadas no dia a dia da armação: no transporte de água e de despejos, no hospital e no armazenamento de outros materiais.

Casa-Grande: A casa-grande, também denominada *Casa de Vivenda*, era a residência do administrador da armação e família, mais os funcionários do Real Contrato da pesca da baleia. As proporções eram bastante variáveis e internamente alojavam várias dependências. As edificações eram feitas de pedra e cal, sobre pilares ou em plano elevado acompanhando o relevo do terreno, possuindo duas frentes (uma para o mar) e quintal murado. Anexas a casa-grande, outras construções térreas e assobradadas foram erguidas.

Casa dos Feitores: Estas residências eram mais rústicas que a casa-grande, mas chegavam a ocupar áreas superiores a duzentos e trezentos metros quadrados. O material de que eram construídas era diversificado e, em algumas armações, foram anexas a estas a residência do capelão, armazém ou outra casa.

Companha dos Baleeiros: A companha dos baleeiros, também denominada de campanha, eram as habitações dos baleeiros. Estas residências variavam no tamanho e tipo de construção, podiam ser de tijolos, pau-a-pique ou de adobe. A companha servia de moradia somente no período da pesca, ficando o resto do ano vazias, pois os pescadores voltavam à suas terras e atividade na lavoura.

Senzalas: As senzalas eram construções dispostas em quadra ou formando um alinhamento, sendo construídas sobre pilares e esteios. Estas edificações



tinham as paredes de fora de pedra argamassada, de tijolo ou adobe, mas as divisões internas eram de pau-a-pique. As senzalas mais rústicas eram totalmente de pau-a-pique e cobertas de palha.

Casa de Hospital e Botica: Eram reunidas em uma edificação a enfermaria e a farmácia ou eram anexadas as moradias do capelão e do cirurgião. Era privilégio de poucas armações terem uma casa destinada exclusivamente para servir de hospital e botica. Muitos dos escravos, por sua dura condição de vida e ambiente de trabalho insalubre, obrigados a prestarem trabalhos pesados com jornadas extensas, acabavam sofrendo acidentes, podendo ficar *quebrado das virilhas, doente de uma ernea, aleijado, descadeirado, parálítico e estuporado*.

Capela: A capela era o lugar de culto cristão. O templo era construído em alvenaria de pedras argamassadas, alguns tinham as paredes frontais de tijolos. O estilo arquitetônico das capelas das armações é clássico, possuindo frontispício formado de frontão reto interrompido na base, óculo, pesada porta central com verga reta, com um ou mais emblemas de massa na parede frontal. O interior da capela era dividido em altar ou capela-mor, sacristia, coro, púlpito e pia. Anexo a capela, eram edificados o cruzeiro e o cemitério murado. Cada capela tinha o seu santo principal no altar, além de outras imagens em gesso ou madeira.

Nas armações do Rio de Janeiro e São Paulo existiam outros tipos de edificações, que supriam outras oficinas, como a fábrica de espermacete. O número, função e proporções das construções dependia muito da produção e da quantidade de trabalhadores que este exigia.



O espaço de subsistência, gerador dos produtos de consumo do espaço de produção mercantil, era conhecido na época de funcionamento das armações pela denominação de “*citio da Fazenda*”. Este espaço era formado por extensas áreas, com terrenos ondulados em nível superior e em planícies costeiras. O *citio da Fazenda* da Armação de Itapocorói, por exemplo, possuía 17,50 km² de extensão territorial.

O *citio da Fazenda* era o espaço anexo do núcleo base na porção terrestre. As características físicas, proporções e utilização destes espaços dependiam da localização de cada armação na paisagem. O espaço de subsistência era o local de implantação dos engenhos de farinha e açúcar, além de ser utilizado como área de agricultura e pastagem. Eram cultivados a cana-de-açúcar, a mandioca, o arroz, o milho, o café e algumas verduras. Também eram plantadas árvores frutíferas, como laranjeiras e bananeiras.

O espaço de subsistência oferecia, ainda um produto primordial para o derretimento da gordura em óleo, a lenha. As porções dos morros das armações com sua vegetação de mata atlântica foram sucessivamente exploradas, derrubando-se as árvores e transformando-as em artigo de queima e de uso na construção de embarcações, no consumo de oficinas, na fabricação de móveis e no uso doméstico.

Os escravos passavam a maior parte do ano trabalhando neste espaço de produção para subsistência, nele eram assegurados toda a lenha necessária para o consumo da safra baleeira e também a alimentação desses trabalhadores.

O transporte entre o espaço produtivo mercantil e de o subsistência era feito com carros de boi, carregando-se os gêneros necessários à alimentação dos



No decorrer do trabalho de campo e de leituras bibliográficas, as armações foram gradativamente mostrando-se como espaços de alta complexidade, mas ao mesmo tempo seguindo uma certa ordem no uso e dimensionamento de suas formas espaciais. A captação da matéria-prima base, a baleia (predominantemente a Franca), foi um grande delimitador temporal do processo de produção, marcando a sazonalidade da pesca da baleia.

Após procedermos ao levantamento de cada armação verificamos que, apesar da especificidade de cada sítio, estas estavam inseridas em um mesmo contexto histórico e possuíam as mesmas finalidades. A partir dessas similitudes foi possível notar diversos elementos espaciais comuns, organizados de forma semelhante. O “coração” da armação com o engenho de frigar e a casa de tanque seguiam medidas padronizadas e instrumental comum. Os elementos da arquitetura também evidenciaram um padrão arquitetônico, uma proposta de núcleo baleeiro já pré-estabelecida antes de sua fundação.

Quanto aos artefatos coletados nos sítios da Piedade e Lagoinha, através de uma pequena amostra realizamos uma análise parcial. Verificamos diversos tipos de materiais construtivos e utensílios domésticos, principalmente destinados ao serviço de mesa. Dos artefatos metálicos preponderaram os pregos e cravos. O vítreo resumiu-se a poucos fragmentos, dentre eles um fundo de garrafa. A cerâmica foi o principal material coletado, mostrando uma variedade expressiva de padrões e procedências: cerâmica vitrificada de produção local, louças de procedência estrangeira e cerâmica monjolo, além de dois fragmentos de cachimbos.



Nesta pesquisa identificamos também os sujeitos históricos que faziam das armações espaços produtivos, não constituindo apenas uma mera “massa homogênea” de trabalhadores. Localizamos homens e mulheres de origens diferentes e na condição social de escravos ou trabalhadores assalariados nas atividades do núcleo baleeiro, formando uma comunidade litorânea.

Compreendendo que a comunidade baleeira não dedicou-se somente a pesca da baleia, podemos classificá-la segundo Diegues como uma comunidade litorânea e não como uma comunidade marítima. Para este autor as comunidades litorâneas são “(...) aquelas que combinam pesca e agricultura em ambientes fechados (baías, lagunas, estuários) (...)”⁶.

Após o levantamento das estruturas remanescentes, dedicamo-nos a visualizar as armações na sua transformação em sítios arqueológicos, elencando a influência das embarcações estrangeiras na produtividade das armações, tornando a atividade insustentável. Após o abandono das armações como espaços produtores cada sítio acabou sofrendo um processo gradual de transformações físicas, suas edificações ruíram-se e foram parcialmente soterradas ou cobertas de vegetação, dando lugar aos balneários.

Partindo da falta do reconhecimento das armações enquanto sítios arqueológicos, da sua contínua e crescente destruição de suas últimas estruturas remanescentes, foram elaboradas propostas de preservação para alguns sítios, no intuito de oferecer soluções a problemas de conservação específicos e alternativas de prevenção desta conservação para as gerações futuras. A elaboração destas propostas decorre da necessidade de

⁶ DIEGUES, Antônio C. S. Povos e Mares: Uma Retrospectiva de Sócio-Antropologia Marítima. In: **Povos e Mares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995. p. 19.

